

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



ALBERTO DUREIRO.

O estilo gothico tinha vivido por muito tempo nas escolas alemãs, animadas pelo espirito religioso mais puro, pela fé mais viva nos principios primitivos do christianismo. A candida doçura, a expressão divina, a fôrma secca e alongada que uma inspiração sobrenatural tornava formosa, os ascetismos finalmente que é o character dominante da arte gothica, tudo se conservou, tudo foi respeitado como uma tradição pelos artistas anteriores á reforma religiosa.

A escola de Nuremberg teve, como as outras escolas da Alemanha, principio no estilo bizantino mo-

dificado ou antes transformado pelo espirito ogival. Miguel Wohlgemuth mestre de Alberto Dureiro foi quem começou a alterar profundamente os principios primitivos, e a introduzir-lhe não só importantes modificações no desenho, mas a apropriar á sua maneira propria o rico colorido dos Flamengos. Wohlgemuth pôde já ser considerado como um pintor da terceira epoca, ainda que nas suas obras se achem muitas reminiscencias das epocas anteriores.

Alberto Dureiro (Albrecht Duerer) foi o discipulo do artista de que acabámos de fallar. Dotado de um talento prodigioso, e possuindo nas obras dos seus predecessores um immenso thesouro de bellezas, Alberto

Dureiro soube com o seu nome fazer esquecer o de muitos outros artistas eminentes que viviam na mesma epoca. Filho de um ourives começou a vida por aprender as artes do desenho e da gravura; e entrou aos dezoito annos na escola de Wohlgemuth, onde se conservou até fazer a sua viagem nos Paizes-Baixos e na Italia de donde voltou em 1494.

Era então que no seio da Alemanha começava a rugir a tempestade religiosa, que depois veio abalar a Europa inteira. O ardente e terrível Luthéro começava a sua lucta com as doutrinas de Roma, e fulminava em pamphletos fogosos os abusos que invadiam o clero. Alberto Dureiro, homem de elevada intelligencia, sympathisava com as idéas da sua epoca, mas não tinha por ellas a paixão que conduz ao combate. Procurou Erasmo, porque a sua philosophia era moderada, e Melanchthon, que discutia com brandura, mas não se uniu nunca com Luthéro. O artista soube aproveitar todas as impressões da sua vida agitada, soube estudar os homens e as paixões da sua epoca, e transportou tudo para as suas obras.

Abandonando completamente o estilo gothico, Alberto foi de novo resuscitar as imagens terriveis da arte bizantina. Ha em Colonia um quadrinho em que elle representou um tambor e um trombeta de tão medonho aspecto, que fazem lembrar os versos infernaes do Dante. Ha em todos os quadros deste mestre uma expressão sobrenatural, unida a uma fantasia vaga, que causam quasi terror nos que os admiram.

Existe em Augsburgo uma pagina de Dureiro que revela evidentemente todos os caracteres do artista. E' um calvario. — No meio do quadro está Jesus Christo pregado na cruz, tendo do lado direito o bom ladrão, e da esquerda o máu. Aos pés do Christo estão os judeus perseguidores, um chefe a cavallo e tres soldados que jogam a tunica: por baixo porém dos dois ladrões estão grupados os discipulos e as santas mulheres.

As cabeças são de uma expressão sublime; todas exprimem a dôr, não a dôr violenta como a que se encontra nos outros quadros de Dureiro, mas uma dôr magestosa, grave, ideal. S. João, tem no rosto uma expressão de tristeza nobre, de suave melancolia, e ao mesmo tempo de orgulho e grandeza; a Magdalena, com os braços estendidos para o Deus que lhe perdou, parece paralizada na sua dôr, como se tivesse perdido o sentimento da propria existencia.

A parte superior deste quadro está envolvida em sombras, e a luz desce a prumo sobre os homens que assistem a esta tragedia immensa: as sombras porém não são tristes e solitarias; espiritos invisiveis, para assim dizer, as povoam. Sobre a cruz do Salvador pairam as fórmias incertas de anjos, cujos mantos de côr ardente se esvaem pouco a pouco nas trevas geraes do céu.

Ao bom ladrão, corpo de homem sanguineo, cuja phisionomia não tem indício algum de perversidade,

apparece n'uma visão um anjo que lhe sorri. A cabeça do máu ladrão está cercada de um enchame de insectos erupulosos, de monstros informes, de chimeras terriveis; um demonio quasi incomprehensivel, escondido nos cabellos erriçados do paciente, agarra a alma que lhe sai dos labios debaixo da fórma de um especrosinho humano.

O colorido de Dureiro é vivo, puro, e muito semelhante, segundo a opinião do Sr. conde Raczyński, ao colorido de alguns dos melhores quadros que entre nós são attribuidos a Grão Vasco, que de certo os não pintou.

A composição geral do calvario de que acabamos de fallar é semelhante á do calvario de Vasco Fernandez, que se acha em Vizeu. Os sentimentos que predominam, como dissemos já, nas obras de Dureiro, são a dôr, a melancolia, o terror sobrenatural.

Ha nelle uma figura simbolica da *Melancolia*, coroadada de flôres e curvando na sombra as azas escuras, que parece heber a longos tragos as amarguras da existencia, e lêr no céu cheio de prodigios o nome do mal que a consome. A allegoria do *ciume* de que existe uma gravura tambem parece armada de um poder, de uma força tão immensa, que o seu aspecto faz estremecer.

Estas duas sublimes figuras são a revelação das penas intimas da vida do artista: em ambas se reconhecem as feições da esposa de Dureiro. Como Byron, este pintor poeta, fez o mundo confidente dos seus martyrios.

As obras de Dureiro são muitas, e as suas gravuras em madeira notaveis para a epoca em que este artista viveu. Ha colleções de gravuras de Dureiro representando diversas scenas da paixão, que apesar da conformidade do assumpto, apresentam muita variedade; o que ha de mais notavel nessas gravuras é o modo tremendo com que nellas se representam os soluços, os gritos de desesperação, as dôres infinitas da alma. Existem tambem gravuras sobre assumptos tirados da vida da Virgem; nestas o artista quiz de certo resumir o ideal da vida intima, os encantos da mulher no mais elevado gráo de pureza e perfeição.

A gravura que damos é um *Fac-simile* de uma gravura de Dureiro, representando o triumpho do imperador Maximiliano; que passa pela obra-prima da gravura em madeira.

Este mesmo objecto foi tratado por Dureiro n'uma pintura feita na parede dos paços do concelho da cidade de Nuremberg: porém as figuras simbolicas que entram nesta composição fazem antes lembrar os mysterios da morte do que as alegrias de um triumpho.

Dureiro é considerado como o Raphael da escola allemã: o seu nome é citado entre os dos artistas mais eminentes dos tempos modernos.

João de Andrade Corvo.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 28.)

Enxada de cavallo.

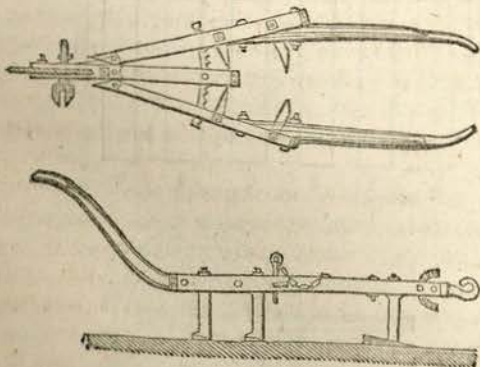
719.º Posto que este instrumento seja ha muito tempo geralmente conhecido, e proveitosamente utilizado pela agricultura ingleza, com tudo a sua introdução no continente europeu tem sido lenta e pouco geral por haver sido fortemente repellido por muitos agricultores. As objecções porém que se tem opposto contra a adopção da *enxada de cavallo* na grande cultura são mais applicaveis ao abuso do que ao uso racional deste instrumento.

720.º E na verdade se nós o usarmos sómente na occasião opportuna, tanto pelo que respeita ao estado do crescimento das plantas como ás condições phisicas do solo; isto é, quando as plantas não tiverem ainda lançado raizes assás profundas, e quando o terreno não estiver demasiadamente humido ou secco, se a usarmos pois nestas circumstancias serão incontestaveis as suas vantagens.

721.º E' destinado este instrumento a substituir o trabalho manual na sacha das plantas cultivadas em linha, e póde por tanto applicar-se não só ás graminneas, e principalmente aos trigos sementeados por meio do sementeiro; mas a todas as outras culturas sachadas, como são o milho, as favas, as batatas, as betarrabas, &c. — as suas vantagens são a expedição e barateza da cultura, e a possibilidade de a fazer em tempo opportuno.

722.º Tem-se dado á enxada de cavallo uma grande diversidade de fórmãs; mas a adoptada em *Roville* é sem contradicção a mais vantajosa na generalidade dos casos, não só pela facilidade do seu emprego, como tambem pela perfeição do seu trabalho.

723.º Este instrumento, que, como se vê nas duas figuras adjuntas, se assemelha muito ao extirpador,



é composto de um temão que apresenta n'uma das suas extremidades um regulador, e na outra duas raças, que servem a dirigil-o; tem duas alas moveis em que se fixão as segas, e que podem unir-se ou alargar-se á vontade, segundo a maior ou menor distancia das linhas em que as plantas se achão sementeadas; de maneira que o instrumento póde operar entre linhas distantes de 18 a 30 pollegadas, sendo esta a principal differença que se lhe nota em relação ao extirpador. E' munido de cinco ferros; a saber, uma relha triangular collocada na parte dianteira e inferior do temão, e quatro segas recurvadas com as pontas dirigidas para o interior do instrumento; estas quatro segas são, como se vê nas estampas, sustentadas pelas duas alas moveis, e podem por isso traçar sulcos mais ou menos proximos uns dos outros, segundo as alas se juntão mais ou menos. Quando o instrumento trabalha entre linhas distantes entre si de 18 a 20 pollegadas tornão-se inuteis, e por consequencia eliminão-se as duas segas do meio. — Um só cavallo basta para puxar por esta machina; e se o animal não estiver habituado a marchar bem pelo meio das duas linhas immediatamente oppostas deverá ser conduzido por um rapaz até adquirir aquelle costume.

724.º A precaução mais importante a tomar nos labores da enxada de cavallo consiste em pratical-os na occasião opportuna. E' quando as hervas que pretendemos destruir não tem ainda enraizado no solo, quando as plantas cultivadas não tem inda grande desenvolvimento, e finalmente quando a terra não está demasiadamente dura, secca ou humida que devemos empregar este instrumento: e se attendermos a todas estas condições raras vezes deixaremos de ficar pagos e bem satisfeitos do seu trabalho. O elogio deste instrumento fica feito em se dizendo, que fabrica por dia geira e meia de terra, não empregando mais do que um homem e uma besta de tiro.

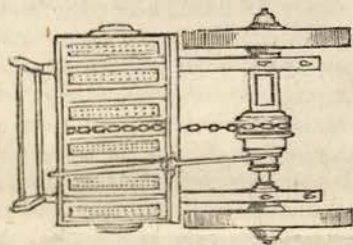
Sementeiro.

725.º O *sementeiro* é um instrumento por meio do qual se lança a semente na terra a distancias eguaes, e em linhas ou regos equidistantes. Tem-se disputado muito sobre a conveniencia ou inconveniencia do emprego deste instrumento; mas se em certos casos as suas vantagens são problematicas, em outras ellas são evidentes, como por exemplo, nas lavouras extensas feitas em terrenos assentes e eguaes.

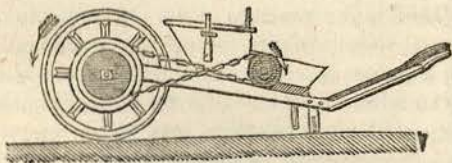
726.º E' fóra de duvida que as plantas sementeadas por meio deste instrumento devem desenvolver-se melhor, não só porque não se afrontão e embaração umas ás outras, não se roubando reciprocamente os sucos nutritivos, mas mesino porque podem ser sachadas pela enxada de cavallo, o que produz uma grande economia e um augmento consideravel de producção. O emprego por tanto do *sementeiro* reclama o da enxada de cavallo; e póde-se asseverar que as principaes

vantagens de semearmos a rego derivão-se da economia que podemos obter pela sacha com este precioso instrumento.

727.º O sementeiro de *Tull* é um dos mais recommendados pelos agricultores que se servem destes instrumentos. Compõe-se de uma caixa dividida em muitos repartimentos, em cada um dos quaes se acha um cilindro de madeira com duas ordens de buracos por onde sahe a semente. Uma cadêa sem fim comunica a este cilindro o movimento que ella mesma recebe do jogo dianteiro. Durante o movimento de rotação as sementes vão-se alojando nas cavidades praticadas na periferia, e quando o cilindro tem completado a sua revolução ellas descem por um tubo até á raia ou rego traçado pela sua parte inferior, e são immediatamente cobertas pelos dentes de um ancinho, que faz parte do instrumento, e que funciona na sua parte posterior. A simples inspecção da figura que juntamos basta para demonstrar o mechnismo deste instrumento.



728.º Hoje preferem-se ao sementeiro de *Tull* alguns outros, que apresentam menos inconvenientes no seu emprego: taes são o sementeiro de *Arbutnot* que em vez de uma caixa fixa apresenta um barril movel, sustentado por duas pequenas rodas e munido de buracos por onde sahem as sementes, e o sementeiro usado em *Roville*, cujo machinismo é complicado, mas cujo effeito é muito satisfactorio. A estampa seguinte poderá dar uma idéa deste ultimo instrumento.



729.º Este sementeiro tem as seguintes vantagens — semea muitas linhas ao mesmo tempo — traça e abre as raiaes em que é deposta a semente, e cobre-a na sua passagem — como os ferres destinados a abrir as raiaes são moveis, estas podem ser mais ou menos profundas, e mais ou menos largas, podendo as suas distancias ser de 9, 12, 18, 24 e 27 pollegadas — em consequencia do seu particular maquinismo e do systema de colheres de que é munido, pôde servir para todas as especies de sementes. Todas estas van-

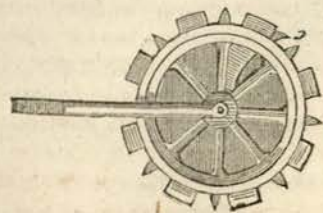
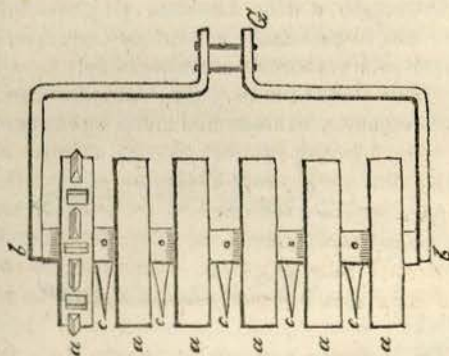
tagens o tornão indubitavelmente preferivel aos outros instrumentos deste genero.

Trilho e outros instrumentos agrarios.

730.º O trilho é um instrumento antiquissimo usado desde tempo immemorial pelos hebreus, cartaginezes e romanos. Segundo Varrão, já meio seculo antes da era christã, era conhecido este instrumento, debaixo do nome de *carro phenicio*, em Hespanha, paiz onde a agricultura subiu a grande gráu de esplendor, tanto na epoca do dominio dos romanos, como dos arabes. O carro phenicio consiste n'um certo numero de cilindros dentados, introduzidos pelos seus eixos em duas travessas longitudinaes, ligadas nas suas extremidades anteriores por uma outra transversal, e tirado por cavallos, dirigidos por um homem que se senta sobre uma taboa sobreposta á travessa anterior: o movimento de translação das travessas produz o movimento de rotação dos cilindros que estroçoando por meio dos seus dentes as espigas e os colmos effectuão a debulha.

731.º Na Italia servem-se para este fim de um rolo muito simples chamado *ritolo*, que já era usado pelos romanos. A debulha feita por estes e outros trilhos é muito mais economica e expedita principalmente nos paizes meridionaes do que a praticada por animaes ou por meio do *mangual*, como geralmente se usa entre nós.

732.º Como porém a maior parte dos trilhos não quebrão e estroçoão bem a palha, por isso não tem sido geralmente admittidos. O Sr. *Le-Cocq*, esse mesmo agricultor que acima mencionámos, desejando remediar este inconveniente aperfeicou esta machina adicionando aos dentes um systema de navalhas curvas que produzem excellente effeito. Este trilho, de que apresentamos em seguida a estampa, começa a ser adoptado nas nossas provincias do sul, e ha sido elogiado pelos cultivadores que d'elle tem feito uso.



733.º Compõe-se de rolos de ferro fundido (e) guarnecidos de dentes na sua circunferencia e moveis no eixo (bb') e de navalhas curvas (c) inclinadas ao terreno e fixas no mesmo eixo apresentando anteriormente um argolão (f) onde se fixa o temão.

734.º N'um livro tão rudimentar como este não é possível tratar de outros instrumentos aratorios que por vulgares não perdem muito em não ser descriptos; como são, por exemplo, o *foucinho*, a *gadanha*, o *mangoal*, o *alvião*, a *pá de cavar*, o *sacho*, o *ancinho*, e outros assás conhecidos de todos os agricultores.

CAPITULO VII.

Culturas especiaes.

735.º Os principios e noções geraes de cultura até aqui expendidos podem dirigir e esclarecer o cultivador em muitas das operações agricolas. Elles podem tiral-o de bastantes difficuldades e incertezas; e devem imprimir aos seus trabalhos uma direcção racional, rectificar muitos prejuizos, e acabar com muitas usanças e rotinas erroneas.

736.º A luz da sciencia esclarece e aperfeiçoa quasi sempre os processos praticos, porque descobre e analisa a sua razão philosophica. Os agricultores que conhecerem a organisação e vida das plantas, as leis porque se regula a acção dos agentes da vegetação, e as condições de que depende a energia productiva do solo, poderão marchar mais seguros nas suas emprezas — e sem desprezar os methodos consagrados pelo tempo poderão modificall-os e aperfeiçoall-os discretamente e convenientemente.

737.º A sua instrucção pôde especialmente aproveitar-lhes nas culturas especiaes de que vamos occupar-nos, e que são submettidas a grandes modificações, segundo a diversidade das circumstancias locaes.

738.º Como nem todos os solos convem a todas as plantas, e como nem todas as plantas podem vegetar nos mesmos climas, é claro que deve haver tanto na escolha do solo e situação botanica, como na diversidade dos amanhos proprios de cada clima uma grande selecção; porque se violentarmos a natureza e a quizermos submeter aos caprichos da nossa ignorancia pouco poderemos alcançar della, e falhará o fim que o agricultor deve propôr-se, isto é — *o de obter o maximo lucro com a menor despeza e trabalho possível.*

739.º E' principalmente neste objecto das culturas especiaes, que se devem respeitar os usos e methodos de longo tempo estabelecidos, que não forem evidentemente contrarios aos principios e indicações da sciencia. — Esta regra é muito importante. A experiencia é neste ponto o grande mestre; e as tradições e usos locaes a melhor e mais segura authoridade — e além disto o mais acertado correctivo que pôde applicarse á imperfeição da arte. Cada planta ou

cada especie tem até certo ponto um solo, um clima, e uma exposição que lhe é propria — e tem além disto uma cultura que tambem lhe é especial, e que não pôde ser determinada a priori pelos principios agromonicos: e então só a observação e a pratica nos podem revellar estas tendencias especificas, e o modo particular de as dirigir.

740.º Nós não trataremos por esta occasião senão da cultivação das plantas que fazem propriamente o objecto da grande lavoura: e reservaremos para o segundo volume desta nossa obra o tratar da cultivação daquellas que são privativas da *horticultura* e da *arboricultura* (*).

741.º As plantas que fazem o objecto especial da grande lavoura podem distribuir-se em quatro divisões, que são — *cereaes* — *plantas pratenses* — *leguminosas de sementes farinaceas* — e *plantas de raizes carnosas*. Trataremos de cada uma destas divisões em separado.

Cultura dos cereaes.

742.º Os *cereaes* são plantas de sementes farinaceas, que pertencem a essa grande e utilissima familia das *gramineas*, que acompanha para toda a parte o homem, porque é como elle cosmopolita; e porque lhe ministra a principal base da sua sustentação em quasi todos os pontos da terra. Esta preciosa familia debaixo da apparencia modesta das fórmulas possue ricos productos, e paga annualmente ao homem e aos animaes herbivoros, de quem se fez tributaria, um avultado imposto — o *pão* ou o *sustento de cada dia*. O grande legislador do reino vegetal, *Linneo* caracterisou-a e teceu-lhe o merecido elogio nas seguintes palavras, em que ha mais de uma allusão philosophica e picante. « *As gramineas* (disse elle) *constituem uma familia de plebeus, camponezes, pobres, que se cobrem com o colmo, communs, simplicis, vivazes, que formão a força e a potencia do reino vegetal, e que se multiplicão prodigiosamente apesar de maltratados e calcados aos pés.* » São o povo do reino vegetal sempre fecundo e prestadio, posto que despojado e opprimido!

743.º Comprehende-se debaixo da palavra *cereaes* um grande numero de plantas, como são, o *trigo*, o *centeio*, a *cevada*, a *aveia*, o *arroz*, o *milho grosso*, o *milho miudo*, e o *milho sorgo*. Diremos algumas cousa sobre a cultura de cada uma dellas.

(*) Na distribuição que tinhamos feito das materias, que devem ser tratadas no *Guia e Manual do Cultivador* haviamos reservado para o 2.º volume as ultimas tres partes desta obra, a saber — *Principios de economia rural* — *Elementos de veterinaria* — *Preceitos e maximas do cultivador*; mas a extensão que involuntariamente demos á primeira e principalmente á segunda parte da obra, ou aos *Elementos de agricultura*, nos obrigou a alterar aquella distribuição, deixando para o 2.º volume a *horticultura* e *arboricultura*, que já não podião entrar no primeiro sem lhe dar demasiada extensão.

744.º *Cultura do trigo.* O trigo (*triticum*) além dos caracteres geraes da familia das *gramineas* a que pertence, tem os seguintes caracteres genericos, *ovario piloso, eixo da espiga dentado, locustas trifloras olhando para o eixo pelos seus lados.*

745 As diversas especies de trigos cultivados podem ser divididas em dois grupos principaes, a saber, trigos de *grão livre ou nu*, que se separa facilmente do *casulo*, e trigos de *grão adherente ao casulo*. No primeiro grupo podem-se admittir as quatro seguintes especies: 1.º *trigo ordinario (triticum sativum, Lam)* 2.º *trigo grosso (triticum turgidum, Linn)* 3.º *trigo tremez (triticum aestivum, Brot.)* 4.º *trigo polaco (triticum polonicum, Linn.)* No segundo grupo comprehendem-se as tres especies seguintes: 1.º *trigo espelta (triticum espelta, Linn.)* 2.º *triticum amy-leum, Ser.* 3.º *triticum monococum, Linn.*

746.º Entre nós as especies que mais se cultivam são as do *trigo tremez (triticum aestivum, Brot)* do *trigo mourisco maior (triticum compositum, Brot)* e do *trigo de inverno (triticum hybernum, Brot)* do qual ha diversas variedades conhecidas pelos nomes de *trigo branco ou candeal, de trigo preto, gallego, mourisco, e durasio.* Tem-se ultimamente recommendado o *trigo italiano de primavera, e o trigo da siberia* como muito produtivo.

747.º A cultura é para as plantas o que a domesticidade é para os animaes; tanto uma como outra transformam variadissimamente o typo das especies produzindo um numero espantoso de variedades.

748.º As diversas especies cultivadas de trigo tem sido por tal modo influenciadas pela cultura e pela diversidade do clima que se contam hoje centenas de variedades tão pouco fixas que se modificam ou desaparecem quasi de uma para outra cultura. Fôra por tanto desnecessario além de muito longo indicar aqui as numerosas variedades desta planta cujas modificações são tão fugazes, e ás vezes quasi inapreciaveis.

749.º Depois de fabricadas as terras com os *lavo-res de preparação* e de *divisão* que indicámos no artigo *lavouras* procede-se á sementeira do trigo. A epoca e o numero daquelles *lavo-res* são pelo que respeita á cultura do trigo, centeio, &c. mais ou menos diversos nas diversas provincias do reino, e segundo é ou não adoptado o systema dos pousios. No Alemtejo, onde este systema é por desgraça muito commum, começam-se ordinariamente os alqueives nos principios de Janeiro, se o tempo o permite: este primeiro ferro é conhecido pelo nome de *lavra dos alqueives*. Muitas vezes prefere-se a esta epoca o mez de Setembro ou o de Agosto logo depois das ceifas, e isto no caso de se preferir antes enterrar os restolhos do que aproveitá-los com o gado. Nos principios de Abril, se o estado das terras o consente, dá-se o segundo ferro a que se dá o nome de *atalho* ou *deslavra*; e com estas duas lavouras de preparação, cuja epoca se varia muito em varios pontos do reino, dei-

xam-se em descanso as terras destinadas á cultura do trigo até aos principios de Outubro; epoca em que lhe dão o terceiro ferro que se denomina *abrição* ou *revolta dos alqueives*; depois do qual se procede a sementeira. Algumas vezes em logar destes tres ferros, que se conhecem tambem pelos nomes de *alqueivar* ou *lavar*, *deslavar*, e *terçar*, não se dão mais do que dois sendo o ultimo substituido pela acção da grade que faz em certos terrenos optimo fabrico. Se em vez do systema dos pousios se adoptar o systema dos aflhamentos, então como as terras andam muito revolvidas pelos diversos amanhos reclamados pela rotação das culturas, e como por outro lado temos pouco tempo á nossa disposição, apenas se dão dois unicos lavo-res.

750.º A primeira cousa que o agricultor tem a fazer antes de semear o seu trigo é a escolha e a preparação da semente. O grão que confiar á terra deve ser bem maduro e perfeitamente desenvolvido. Deve ser limpo e extremo de qualquer outra semente como joio, ervilhaca, nigella, &c. — deve produzir quando mastigado uma pasta adocicada e inodora, a sua pelle deve ser liza e fina, a figura proximalmente oval e com um sulco longitudinal profundo — deve ser graudo e pesado, e o melhor será sempre o que vai mais longe quando se limpa, ou lança contra o vento. O grão deve ser de uma unica especie — da que mais convier ao terreno e ao clima — porque a mistura dos grãos de diversas especies produzem fecundações hybridas, e a consequente degeneração das plantas. Alguns agricultores costumam mandar escolher grão a grão o trigo para a sementeira nos dias em que não ha outros trabalhos a fazer; este costume é louvavel; mas ainda convem mais mandar mulheres ou rapazes adiante dos ceifeiros apanhar as melhores espigas com tanto que sejam todas da mesma especie. Nós julgamos ainda preferivel o methodo de semear em separado e amanho com esmero a melhor porção do campo para lhe recolher a novidade á parte, a fim de ser destinada á sementeira do anno seguinte.

751.º Depois de escolhida convem preparar a semente: se o trigo estiver são não precisa de preparação alguma, porque fôra isso tão inutil como dar remedios por prevenção a quem tem optima saude; mas se tiver começo de *caria*, de *ferrugem* ou de *alforra* deve ser preparado uma vez que não queiramos perder uma parte da seara. Neste caso antes de lançar a semente á terra convem *lixivial-a*, isto é, deital-a por algum tempo de molho em uma lixivia ou cenrada a fim de exterminar os germes daquellas plantas parasitas ou quaesquer outros contagiosos, que estejam apegados ao grão. Uma lixivia composta de cem canadas d'agua, e 25 arrateis de cinza, á qual se lance logo depois da ebullição 15 arrateis de cal virgem, é bastante para 40 alqueires de semente.

752.º Faz-se uso desta lixivia ou barrella quando tem perdido a maior força do calor; mergulhando por vezes nella um cesto de duas azas onde se deve ter

lançado o trigo depois de lavado, mexendo-o muito bem para que seja todo sufficientemente banhado e detergado pela cenrada. Depois disto secca-se e semea-se.

753.º O celebre *Thouin* aconselha o uso simples da cal fazendo-a fundir em agoa quente e em quantidade sufficiente para que apresente a consistencia siroposa; devendo o grão lançar-se e remexer-se nesta mistura que pela sua causticidade destroe os germes de que fallamos.

754.º Varios outros alvitres tem sido aconselhados que não são certamente tão efficazes como os que temos indicado, e que não tem por isso sobrevivido aos elogios de seus inventores e a uma voga passageira.

755.º A epoca da sementeira do trigo varia segundo um grande numero de circumstancias locais. Assim a diversidade do clima, as variações das estações, e a particular natureza e situação das terras tornam impossivel a fixação daquella epoca, de uma maneira geral e precisa. Em França semeam-se os trigos do outono desde os principios de Setembro até ás proximidades de Janeiro. Entre nós a epoca mais geral é a que decorre desde os principios de Outubro até meados de Novembro. E esta epoca é na verdade a que nos parece preferivel não só porque é a da *germinação espontanea* da semente desta planta no nosso paiz, mas mesmo porque, como já dissemos, os maiores inconvenientes andam ordinariamente annexos ás sementeiras ou muito temporans ou muito serodias; posto que seja indubitavel que segundo a marcha das estações e as circumstancias do anno assim pôde tirar-se uma maior ou menor vantagem de antecipar ou retardar esta operação. O mais prudente por tanto é adoptar o tempo medio, quando a isso não obstarem inconvenientes attendiveis, e quando delle nos affastarmos seja antes para antecipar do que para pospor a sementeira.

756.º Posto que uma longa e attenta observação haja demonstrado que os cereaes do outono quando semeados no tarde produzem mais grão e menos palha do que os semeados no cedo, todavia pôde acontecer, e algumas vezes acontece, que as sementeiras temporans deem tão bons productos, e ás vezes melhores do que as sementeiras serodias. O celebre *Oliveiro de Serres* dava uma decidida preferéncia ás primeiras, e costumava dizer *quem quer encelleirar deve cedo semear* — entre tanto desta pratica proveem tambem em alguns casos, posto que muito mais raros, graves embaraços, e consideraveis transtornos.

José Maria Grande.
(*Continua*).

AURORAS BOREAES (*).

Alguns periodicos desta capital já tem tratado de

(*) Tendo-nos sido communicado este artigo sobre o sin-

certo temor supersticioso, que excitou a aurora boreal, que se observou na noite de 17 do passado. Esse temor só o pôdem ter pessoas destituidas de instrução e promptas a admitir na sua simplicidade tudo que tenda a despertar idéas religiosas mal entendidas, como é a de que a alteração da côr na atmosfera ou a presença de uma materia excessivamente diafana e subtil, ainda que luminosa, é um signal mais ou menos positivo ou infallivel da colera de Deus contra o genero humano em geral ou contra uma nação em particular. Soceguem pois, essas pessoas timoratas, porque a aurora boreal, é um fenomeno luminoso analysado hypotheticamente pela astronomia e analogicamente pela physica, alguma cousa frequente nas zonas frigidias ou regiões polares da terra, pouco nas temperadas, e rarissimo na torrida. E para illustração das pessoas, que ignoram as causas desse fenomeno transcrevemos em seguida um bello artigo, que com o mesmo intento publicou — *El Correo Nacional* — periodico de Madrid, em Novembro de 1839.

«O sabio astronomo francez Mr. Mairan escreveu no seculo passado um tratado que dedicou exclusivamente á historia e ás doutrinas relativas á aurora boreal, e a outro fenomeno igualmente luminoso, chamado Luz-Zodiacal.

«Não se escreve este artigo para os que estudaram astronomia; o seu unico objecto é manifestar ás pessoas pouco instruidas e ás que não cheguem até a comprehender estas breves explicações, um facto positivo, qual é, o de se terem occupado os astrónomos em fazer investigações e estabelecer theorias que fixem a causa destes fenomenos, que longe de ser sobrenaturaes são materiaes ou physicos e producção dessa grandiosa natureza, cujas leis physicas não tem podido comprehender inteiramente o homem, dessa immensa combinação de astros e planetas, obra exclusiva da omnipotencia de Deus, demasiado desconhecida nos seus promenores, e no seu systema geral dessas pessoas que pertendem imbuir ao vulgo tão ridiculas necedades, em consequencia de serem ellas mesmas mui ridiculamente ignorantes.

«Antes de trasladar o texto de Mr. Mairan, de cujo tratado transcrevemos um resumido extracto que o precede, apresentaremos a doutrina relativa a Luz-Zodiacal, phenomeno que só pôde chamar-se tal, porque nem sempre é visivel ainda que constante, e cuja theorica se conseguiu fixar com mais certeza que a da aurora boreal, isto até ao ponto de conhecer-se o periodo em que pôde vêr-se e em que se torna invisivel. Só este facto comprovado na Luz-Zodiacal basta para convencer a qualquer pessoa, por mais ignorante que seja, de que é um phenomeno physico e não sobrenatural, pois é periodico por estações, e do mes-

gular phenomeno das — AURORAS BOREAES — julgamos conveniente dar-lhe publicidade; porque nelle pôdem os nossos leitores colher mais amplos conhecimentos do que nesse outro que sobre o mesmo assumpto publicámos no n.º 23.

mo modo deve reputar-se a aurora boreal, ainda que esta seja eventual.

Luz-Zodiacal.

O celebre astrónomo francez Mr. J. B. Biot explicando esta especie de luz no seu tratado elementar de astronomia physica diz o seguinte:

«Outro notavel phenomeno, que indubitavelmente procede do estado actual e da mesma natureza do sol, é a aureola luminosa que o acompanha, e que se chama Luz-Zodiacal. Vê-se pela tarde depois do occaso do sol, e no ponto do horizonte em que elle se esconde. A sua fórma é lenticular mui achatada, obliquamente situada, e cujo recorte agudo se espalha a grande distancia pela atmosphera e no céu. Esta luz é esbranquiçada como a da via lactea. Está comprovado que acompanha constantemente o sol e distingue-se ao redor do seu disco, nos eclipses totaes, como uma cabelleira luminosa. Projecta-se sempre no plano do equador solar, por cuja causa nem sempre se consegue vê-la bem á tarde em todas as estações. Depois variando a inclinação desse equador para o horizonte, em razão das differentes situações do sol na ecliptica, a Luz-Zodiacal inclina-se com o mesmo equador, e occulta-se totalmente debaixo do horizonte, ou pelo menos enfraquece-se muito a travez dos vapores que se elevam da superficie da terra. A epoca mais favoravel para observar a Luz-Zodiacal é o equinocio da primavera nos mezes de Fevereiro e Março. Então a linha dos equinocios está pela tarde no horizonte. O arco da ecliptica em que vai a entrar o sol acha-se menos inclinado para o horizonte que o equador; e a Luz-Zodiacal, sempre projectada no plano do equador solar, o qual está quasi no plano da ecliptica, achase proximamente perpendicular ao horizonte. Nenhuma outra posição do sol lhe é tão favoravel. Por exemplo, no solsticio do verão, o arco da ecliptica é paralelo ao arco do equador celeste. A pyramide luminosa está pela tarde paralela a este equador; isto é, muito mais inclinada que na epoca do equinocio, e o mesmo acontece em todas as outras estações.

«Muitas são as hypotheses que se tem formado acerca da natureza e causa desta luz. Primeiramente imaginava-se que emanava da atmosphera do sol; mas o auctor da Mechanica celeste Mr. Laplace provou pela fórma ou figura da luz que tal emanação não é possível. Tem-se tambem notado depois, que esta luz se enfraquece quando se vê menor numero de manchas no sol, e que se augmenta quando estas são mui numerosas.

«Em quanto ao mais, seja qual for a causa desta luz, é um factio provado, que a materia que nol-a transmite é em extremo diafana ou rara, pois que se distinguem a travez da mesma as mais pequenas estrellas.

«O nome de Luz-Zodiacal provém de chamar-se

Zodiaco uma zona de uns vinte gráus de largura, por cujo centro passa a ecliptica e na qual se acreditava anteriormente acharem-se limitadas todas as orbitas dos planetas. Esta aureola luminosa sempre comprehendida nessa zona, recebeu o seu nome.»

Aurora Boreal.

Explicação summaria que della faz o astrónomo francez Mr. Mairan nas primeiras paginas do seu extenso tratado sobre a mesma, impresso em Pariz no anno de 1754.

«A aurora boreal é um phenomeno luminoso, cujo nome se deriva de que costuma apparecer pela parte do Norte ou boreal do céu, cuja luz quando se acha immediata ao horizonte assemelha-se á do amanhecer ou da aurora. A sua verdadeira causa é segundo o meu entender, a Luz-Zodiacal.»

«A Luz-Zodiacal é uma claridade ou brancura ás vezes parecida á da via-lactea, e distingue-se no céu em certas epocas do anno depois do occaso e antes do nascer do sol em fórma de lança ou pyramide na direcção do zodiaco, na qual se acha sempre comprehendida pelo seu vertice e eixo, apoiada obliquamente no horizonte pela sua base. Esta luz foi descuberta, descripta e assim chamada pelo astrónomo Mr. Cassini.»

«A Luz-Zodiacal é mais ou menos visivel, segundo as circumstancias necessarias á sua apparição são mais ou menos favoraveis; e esta não se verifica quando as outras faltam até certo ponto.»

«A atmosphera solar não se manifestou sempre pela Luz-Zodiacal; mas foi sempre notada ao redor do disco do sol, nos seus eclipses totaes, em quanto que permaneceu sempre occulta pelo globo da lua.»

«Uma das circumstancias mais essenciaes á apparição da atmosphera solar na Luz-Zodiacal, é ter certa extensão ou longitude sufficiente sobre o zodiaco, pois que sem ella desaparece a sua claridade pela acção da luz crepuscular, seja antes do nascer ou depois do occaso do sol.»

«A longitude da Luz-Zodiacal varia algumas vezes na realidade e outras na apparencia: a Luz-Zodiacal, poderá em muitas occasiões ter muita extensão e parecer curta, em virtude de circumstancias exteriores e passageiras, mas nunca apparecerá muito extensa sem o ser com effeito, não haverá nenhuma illusão optica que possa produzir tal apparencia.»

«É certo, como se tem demonstrado em um grande numero de observações, que a atmosphera do sol, considerada como Luz-Zodiacal, alcança ás vezes até á orbita terrestre e ainda mais.»

«Então verifica-se que a materia que constitue essa atmosphera, chegando a encontrar as partes superiores do nosso ar, mais á quem dos limites em que a gravidade universal começa a obrar para o centro da terra com mais força que para o sol; eae na atmos-

phera terrestre a maior ou a menor profundidade; segundo que a sua gravidade especifica é mais ou menos consideravel relativamente ás camadas de ar que atravessa ou sobre as quaes se sustenta; e como não ha apparencia de que esta materia ou esse ar solar, como tambem o nosso, seja tão perfeitamente homogeneo que não haja differença alguma de figura, tamanho, contextura e pezo nas moleculas que compõem esse ar, deve descer mais ou menos na atmosphera terrestre, em virtude do pezo differente de suas moleculas e reunir-se na mesma sobre camadas de diversa altura. As camadas mais inferiores e immediatas a nós estão carregadas das particulas mais grossas e menos inflamaveis; dahi, pois, provirão essas nevoas densas, mas regularmente transparentes, e essa especie de vapores que acompanham frequentemente a aurora boreal que nol-a occultam parcialmente; e que quasi sempre são como precursores, já sob a fórma de um segmento espherico que guarnece o horizonte pela parte do Norte, já como meros reflexos soltos ou espalhados por todo o céu, escuros e vaporosos para nós, mas brancos e luminosos na sua parte superior. Ha pois por cima da materia escura e vaporosa outra materia mais leve, e mais inflamavel, ou para melhor dizer inflamada per si mesma, pela sua collisão com as moleculas do ar ou pela fermentação que causa nella a mistura ou incorporação do ar; e esta materia, antes causa da Luz-Zodiacal, será hoje neste estado a causa do que hoje se chama luz ou aurora boreal.»

«Se toda a nossa atmosphera estivesse impregnada igualmente de particulas da atmosphera solar, é evidente que veriamos a sua luz e a nevoa mais densa no horizonte que em qualquer outra parte, ou que no caso de pouca densidade, poderiamos ainda vê-las no horizonte sem apercebel-as no zenith; tudo isto porque o raio visual do espectador, em egualdade de casos, tem mais distancia que percorrer no ar que media para o horizonte que para o zenith. Por esta razão, e por haver bem fundado motivo de crer que a atmosphera terrestre é mais densa ou grossa para o pólo e nas regiões septentrionaes que para o equador, póde concluir-se que a aurora boreal deve ser mais sensivel para o pólo que para o equador.»

«Com effeito, é isto mesmo o que justifica a experiencia, mas temos uma causa mais efficaz dessa apparencia que não é simplesmente optica; e no seu competente logar demonstraremos que ha uma tendencia positiva da materia da aurora boreal desde a zona torrida até aos pólos, e de cuja tendencia nos subministravam o principio da rotação da terra sobre o seu eixo e seu movimento annual.»

«E' dahi que as auroras boreaes occorrem mais frequentes e mais consideraveis nos paizes do Norte, e segundo tem maior latitude que nos paizes meridionaes. E' tambem d'ahi que essa parte do mundo seja a residencia constante do phenomeno, já porque a materia que o fórma não vá mais longe, já porque mais

abundante parece diffundir-se como desse fóco para todo o resto do hemispherio visivel do céu. Dahi, finalmente é que a sua fórma ordinaria de arco ou de muitos arcos concentricos collocados sobre um segmento de circulo escuro que se une ao horisonte, e parece ter proximamente por ceptro o pólo terrestre boreal; porque as differentes camadas de ar situadas por cima de tudo em redor, achando-se carregadas ou saturadas mais ou menos da materia solar ou boreal, segundo baixou mais ou menos á nossa atmosphera, devem produzir nesta á vista dos que as observam da zona temperada essas apparencias de arcos e de segmento circulares ou ellipticos, mais ou menos illuminados ou sombrios, e ás vezes semelhantes ás massas de vapor.»

«As columnas e os raios de luz perpendiculares ao horisonte ou concentricos ao arco e ao segmento escuro, donde parecem sahir, provirão das extensas massas dessa materia que ao sahir perpendicularmente desde a região mais elevada da atmosphera até áquellas onde está o fóco do incendio e onde incessantemente se verificam novas inflamações, se acharão na mesma atmosphera subitamente inflamadas, ou sómente illuminadas, pois basta este ultimo, á similhaça de pó e de outros corpusculos espalhados na atmosphera de uma paragem sombria, os quaes não se podem perceber senão quando a luz chega a feril-os por algum conductor.»

«A grande altura da região que occupam no ar todos esses phenomenos faz que sejam estes visiveis para a zona temperada e outras paragens mui affastadas do pólo; cuja altura está comprovada e determinada até certo ponto pela parallaxe sensivel, e pela depressão apparente e regular dos arcos e do segmento escuro, segundo o observador está situado mais longe do pólo e na latitude descendente. Daqui se segue, ou que a aurora boreal é uma materia mais diafana e mais leve que as partes superiores de nosso ar por mui rarefeito, mui leve, e mui subtil que deva estar a tão avultadas distancias, segundo a commum opinião, ou que a atmosphera é muito mais elevada do que se cria até ao presente, o que é na minha opinião mais provavel como espero demonstral-o.»

«A extrema diafanidade da materia do phenomeno, se deduz tambem de que se distinguem ordinariamente os corpos luminosos a travez das partes que as compõem, já illuminadas, já escuras e vaporosas como as do segmento que guarnece o horisonte pelo Norte; qualidade que lhe é cummum, qual deve sel-o, com a luz zodiacal ou da atmosphera solar donde emana.

«Tal é o epitome de minhas opiniões ácerca da causa phisica da aurora boreal, e quanto ha nella de mais geral, mais ordinario, ou que melhor a caracterise. Tratarei além disso de alguns outros de seus phenomenos e de muitos incidentes notaveis que os acompanham, principalmente quando é de muita extensão, e do numero das que chamarei grandes auro-

ras boreaes completas; dessa especie de corúa e ponto de reunião que nellas se vêem ás vezes no zenith ou nas immedições do mesmo; dessa quantidade de reflexos pequenos ou flocos de materia luminosa, divididos em diversos logares da atmospherá, e ás vezes em todo o hemispherio visivel como outras tantas exhalções que parecem disparadas e concorrem desde o Norte, e desde quasi todo o horisonte, para o zenith; desses relampagos mais ou menõs frequentes; ás vezes desse scintillar universal e dessas oscilações regulares de luz, que ferem sobre todas as partes do phenomeno; das diversas côres com que este se matiza, e de algumas nuvens densas e vermelhas que se aggregam ao mesmo.»

«A aurora boreal completa, considerada em toda a sua composição e apparatus de que nos tem feito vér a experiencia é susceptivel, nos prestará facilmente com que explicar as de uma ordem differente, que são inferiores á completa pelo numero e a classe dos phenomenos; e até áquelles que só se notam por uma leve impressão de luz que se percebe no ar para o Norte, e por alguma nuvem esbranquiçada, e por certos flocos phosphoricos espalhados em toda a direeção pela nossa atmospherá.»

«As circumstancias nas quaes a aurora boreal apparece ou se dissipa, ainda em determinado sentido, exteriores ou independentes do phenomeno, não merecem menos attenção; ellas nos ajudavam melhor que tudo o mais a fixar a sua verdadeira origem. Taes são, por exemplo, a hora de noite em que costuma a apresentar-se, e sobre tudo nas estações do anno em que é mais frequente. Pareceu-me este artigo de tão grande importancia, que nada perdoei para o fundamento das induções que do mesmo podem fazer-se: investi-guei cuidadosamente todos os phenomenos dessa classe, que foram observados nos seculos anteriores e no presente até ao anno de 1831 inclusive, e formei uma taboa dos mesmos em que á primeira vista se podem registrar e comparar ás epocas e á frequencia.

«Esse padrão deve acompanhar-se de uma determinação exacta dos eixos, pólos, limites e declinação da atmospherá do sol, a respeito da ecliptica, ou ao curso annual que segue a terra.»

«Finalmente o enlace e a relação que a aurora boreal, e sua causa me pareceram ter com outros muitos effectos da natureza, darão talvez uma nova luz á explicação que fiz deste phenomeno.»

«Elles são outros tantos pontos capitaes ou artigos que reüni em cinco secções, a que se reduz esta obra.

«A primeira secção está inteiramente destinada á historia e descripção da Luz-Zodiacal ou atmospherá solar, fundamento principal de toda esta theoria.»

«Na segunda tratar-se-ha da atmospherá terrestre de sua altura, da região que nella occupa a materia das auroras boreaes, e da exclusão que esta circumstancia faz de algumas causas a que até hoje se tem attribuido as auroras boreaes.»

«Na terceira trata-se da formação do phenomeno, das suas differentes partes, e da minuciosa explicação de quanto tenho indicado neste preliminar.»

«A quarta secção tratará das provas historicas das minhas hypotheses, das memorias que nos ficam da aurora boreal, dos rasgos ou incidentes pelos quaes se pôde reconhecê-la nos tempos antigos, da correspondencia de suas repetições com os diversos estados da luz-zodiacal, ou atmospherá solar, e da analogia que ha entre suas aparições, e as posições ou movimentos da terra nos differentes pontos da sua orbita.»

«Na quinta e ultima secção apresentarei succintamente, á maneira de questões ou duvidas, alguns phenomenos que só tem remota relação com a aurora boreal, e ao mesmo tempo tratarei de alguns artigos que se referem mais immediatamente ao assumpto, mas que não pude nem ousei explicar-me sob outra fórma no curso desta obra.»

«É impossivel de tratar neste pequeno artigo toda a doutrina mais ou menos exacta da astronomia phisica que desenvolve Mr. de Mairan no seu tratado de quinhentas e setenta paginas e illustrado com figuras. Por outra parte a sua doutrina tem sido mais ou menos impugnada pela causa dos immensos adiantamentos que n'um seculo depois se fizeram nessa sciencia tão difficil, sublime e complicada, para cujo exacto conhecimento apenas basta a vida do homem, acompanhada do mais distincto talento e de um incansavel e perpetuo trabalho.

«A divergencia de opiniões nos astrónomos não se refere de maneira alguma a pôr em duvida se a aurora boreal é um phenomeno sobrenatural ou puramente de phisica celeste. As suas questões reduzem-se exclusivamente a pontos de theoria phisica; advertindo que pôde assegurar-se com certeza não haver exemplares de impiedade em nenhum dos homens que honrando tanto o genero humano e apresentando pessoalmente com a sua sabedoria uma prova irrecusavel de que formados á imagem e similhaça de Deus, tem sido nos seculos passados e são no presente um modello de virtudes religiosas, civis, e domesticas, em verdadeiro contraste com os homens que por ignorancia ou maldade annunciam ao credulo artista ou ao rude cãmponez que a aurora boreal é uma prova inequivoca da colera de um Deus, cuja piedade chega a soffrer que em seu nome se commettam tantos crimes.

«Concluiremos este artigo dizendo que o cathalogo historico que desse phenomeno apresenta Mr. Mairan, comprehendendo mil quatrocentas e quarenta e uma auroras boreaes occorridas desde o anno de 583 até ao de 1751; e que tendo lido este astrónomo a maior parte dos escriptores antigos, incluso Aristoteles, conhecedor já de tal phenomeno, encontrou dados repetidos de que no tempo do gentilismo se acreditava tambem ser a aurora boreal annuncio positivo de uma grande batalha, ou de um acontecimento muito notavel.»

« De tudo isto resulta, pois, que apezar do decurso de tantos seculos ha christãos tão ridiculamente credulos em seperstições como os gentios.

« Já que temos apresentado um extracto da theoria de Mr. Mairan, fundada na phisica astronomica não se terá talvez por importuno que se cite o texto do celebre dinamarquez Malte-Brun no seu tratado de geographia phisica a que se refere todo o primeiro tomo de sua geographia universal, obra impressa em Londres em 1821 no qual apresentando uma theoria de phisica terrestre diz o seguinte :

« Nas nossas regiões europeas apparece constantemente a aurora boreal para o lado do Norte, inclinando-se geralmente para o Oeste. Observa-se no outro hemispherio, ainda que com fraco brilhantismo na direcção do pólo austral. Os antigos tiveram conhecimento deste phenomeno ao qual davam o nome de alampadas, brandões, e outros, &c. No nosso tempo occorre raras vezes sobre a zona temperada, e só é commum para os sessenta grãos de latitude. Costuma a começar tres ou quatro horas depois do occaso do sol, e o precede de uma escuridão, em figura como de segmento de circulo, cuja corda é o horisonte. Este segmento, visto em Upsal, por exemplo, é de um escuro carregado, ao passo que na Laponia é de um pardo tão leve que ás vezes custa a distinguir-se. A sua circumferencia em breve se guarnece de uma luz esbranquiçada, que ás vezes termina em uma suave gradação. Com mais frequencia se abre o nebuloso segmento por fendas ou rasgaduras que parecem torren-tes e raios de luz de côr amarellada, rozada, vermelha, ou verde mar. »

« Um movimento geral agita todo o espaço nebuloso e illuminado; cresce o brilho dos raios de luz e cruzando-se estes qual relampagos no meio de um refulgente esplendor, forma-se gradualmente no zenith uma corda luminosa, que parece ser o ponto central de todos os movimentos da materia luminosa. Depois de ter occupado por uma ou duas horas quasi todo o hemispherio visivel do céu, contrae-se o phenomeno primeiramente pela parte do sol, depois para o Oeste e Leste, desapparecendo no fim para o Norte. A sahida do sol dissipa sempre estes luminares rivaes. Quanto mais nos afastamos do pólo tanto menos apercebemos estas differentes appareções da aurora boreal. Na França apresenta-se ordinariamente só como resplendor, não muito elevado sobre o horisonte. »

« Os phisicos tem feito diversas explicações sobre este phenomeno. A ultimamente apresenta pelo professor Libes (1) parece combinar a singelleza com a claridade.

« Este phisico celebre estabelece os seis principios seguintes :

Primeiro: Fazendo passar uma scintilha electrica a travez de uma mistura de gaz azotico e oxigenio, resultando disto um producto de acidos nitrico e nitroso

ou de gaz nitroso, segundo a proporção que haja entre o oxigenio e o azote, que compõem a mistura.

Segundo: O acido nitrico adquire um augmento de côr e volatilidade por meio de sua exposição ao sol.

« O phisico Scheele foi o primeiro que observou este phenomeno, e Mr. Libes fez frequentes observações sobre a mesma experiencia. Tendo-se collocado um recipiente de christal sobre um vaso que contenha acido nitrico, e exposto tudo ao sol, observa que o acido adquiria côr e que o recipiente se encheu de vapores vermelhos, os quaes permaneceram nelle por largo tempo, diffundindo um resplendor semelhante ao da aurora boreal. »

Terceiro: Nas rodomas que contem o acido nitroso, sempre percebemos sobre o mesmo um vapor muito avermelhado e muito volatil que nunca se condensa.

Quarto: O gaz nitroso, em contacto com o ar atmosferico, emite vapores de côr vermelha concentrados, que se dissipam na atmosphaera.

Quinto: O gaz hydrogenio que se desprehe da superficie do globo terrestre, occupa nas mais elevadas regiões da atmosphaera um logar determinado pela sua gravidade especifica.

Sexto: O calor solar tem pouca influencia nas regiões polares.

« Reflexionando sobre estes principios, facilmente se concebe que sendo o producto do gaz hydrogenio extremamente escasso, se é que o ha, nas regiões polares, o fluido electrico ao retroceder do equador para o pólo, passa necessariamente atravez de um espaço occupado por uma mistura de gaz azotico e oxigenio, que a materia electrica feixa e combina estes dois gazes, que a sua combinaçáo devo dar um producto de acido nitroso, e de gaz nitroso, segundo a proporção que domina em ambas as partes componentes. Finalmente, o gaz e o acido nitrico assim formados devem crear o phenomeno da aurora boreal. Se não occorrem estes phenomenos nas zonas temperadas, é porque na sua atmosphaera fortemente acalorada sempre existe a mistura de gazes oxigenio e hydrogenio, que atrahem a materia electrica, produzindo deste modo o trovão e o relampago; cujos dois phenomenos nunca occorrem nas regiões polares por effeito da ausencia do gaz hydrogenio. »

« As observações do phisico Gmelin, nas suas viagens pela Siberia, propendem a confirmar a opinião de Mr. Libes. A' medida que avançamos pela Siberia oriental, a aurora boreal torna-se mais frequente e mais intensa; resultando que as regiões geladas, entre Jenissa e Cabo Beering, são o paiz natal destes phenomenos. Orabem; esta é exactamente a parte do antigo continente em que é mais intenso o frio, e por consequencia onde se desprehe menos hydrogenio. »

« Com tudo, esta explicaçáo não corresponde a algumas circumstancias do phenomeno, entre ellas o segmento escuro que constitue a sua base. E' preciso esperar que os observadores illustrados tenham applica-

(1) Tratado de phisica por Libes tomo 3.º pag. 309.

do os principios em que se funda tal theoria a certo numero destes phenomenos. Nós perguntariamos a'esses observadores o seguinte: poderá ser em certo modo a aurora boreal effeito de uma dessas illusões opticas de que temos tratado, isto é, a reflexão atmospherica? (2) Será o segmento escuro circular a imagem de nosso mesmo globo terrestre, reflectido na atmosphaera nocturna? Em tal caso, os raios luminosos que parecem sahir deste segmento nebuloso, procederiam na realidade da mesma terra. Submettemos ao exame dos phisicos a solução destas questões.»

D. S. D.

UMA MEMORIA DE M. DE HUMBOLDT SOBRE A PRODUÇÃO DO OURO E DA PRATA CONSIDERADA NAS SUAS FLUCTUAÇÕES.

(Continuado do n.º 29).

MEMORIA DE M. DE HUMBOLDT.

Segundo uma asserção do velho Herodoto (III, 106), as mais bellas produções foram a herança das extremidades da terra, na desigual distribuição dos bens e dos thesouros do solo. Esta asserção não era só fundada neste sentimento triste e particular á humanidade, que a felicidade reside longe de nós; exprimia tambem este facto natural, que os Hellenos, habitando a zona temperada, recebiam pelo seu commercio com os povos, o ouro e as especierias, o ambar e o estanho de paizes distantes e remotos. A' medida que o commercio dos Phenicios, o dos Edomitas no golfo d'Acaba, o do Egypto em tempos dos Ptolomeos e dos Romanos, levantaram pouco a pouco o véu que tanto tempo tinha coberto as costas da Asia meridional, começou-se a receber em primeira mão as produções da zona torrida, e a imaginação viva e mobil dos homens não cessou de remar cada vez mais para o Oriente, o deposito dos thesouros metallicos da terra. Por duas vezes, na epoca tão importante para o commercio, dos Lagidas e dos Cezares, assim como no fim do decimo quinto seculo, no tempo das descobertas portuguezas, o mesmo povo, os Arabes, mostrou ao Occidente o caminho da India. A partir deste momento, Ophir (l'el-Dorado de Salomão) foi distanciado até a Oeste do Ganges. E' alli que se imaginava a existencia de Chryso, que por muito tempo occupou os

(2) E' o que chamam os francezes *mirage*, cujo nome adoptaram tambem os inglezes para expressar o phenomeno de reflectir-se na atmosphaera com mais ou menos unidade, exactidão de forma e dimensão os objectos que se acham debaixo do horisonte visivel, e que não podem vêr-se directamente por causa das figuras esphericas da terra. A occorrença do phenomeno exige certo estado peculiar da atmosphaera.

viajantes da idade media, e que se considerava umas vezes como uma ilha, outras como uma parte do Chersoneso d'Ouro. A grande quantidade de ouro que Borneo e Sumatra possui ainda hoje em circulação, segundo Jonh Crawford, explica a antiga celebridade deste paiz. Ao pé de Chryso, paiz do ouro, o alvo dos navegadores que partiam para a India, devia encontrar-se, por uma relação necessaria e por uma especie de simetria, segundo as idéas de uma geographia systematica, um paiz de prata, uma ilha, Argyra, como para reunir os dois metaes preciosos (as riquezas d'Ophir e as do Tartenos iberico). Os mythos geographicos da antiguidade classica reflectem-se, mas com diversas alterações, na geographia da idade media. Na geographia dos arabes Edrisi e Ravini, encontramos nós, na extremidade do mar das Indias, uma ilha, Sahabet, de arêa de ouro, e do lado Saila (que se não deve confundir com Ceilão ou Serendib), onde os cães e os macacos trazem colares de ouro.

A' idéa de uma grande distancia juntava-se, como signal caracteristico da verdadeira patria do ouro e de todos os productos precisos da terra, uma outra idéa, a do calor dos tropicos.

« Em quanto V. Ex.ª não encontrar homens negros, escrevia, em 1495, um lapidario catalão, Mosson Jaime Ferrer, ao almirante Christovão Colombo, não pôde esperar grandes cousas nem verdadeiros thesouros, como as especierias, os diamantes e o ouro. » Esta carta foi achada recentemente n'um livro impresso em Barcelona em 1845, em que tem este titulo singular: *Sentencias catholicas del divi poeta Dant*. A riqueza das minas de ouro do Oral, que se estendeu na bacia septentrional do Volga até ao lugar onde o solo apenas desgela durante os mezes de verão, os diamantes que teem sido descubertos por dois dos meus companheiros, proximo dos 60º de latitude, no declive europeu do Oral, durante a expedição que fiz, no anno de 1829, por ordem do imperador Nicoláu (1), não vem precisamente em apoio da hypothese que estabelece uma conexão entre a existencia do ouro e dos diamantes, de um lado, e o calor dos tropicos e os homens de côr do outro. Christovão Colombo, que attribue um valor moral e religioso ao ouro » porque, diz elle, aquelle que o possui chega a tudo neste mundo, mesmo (sem duvida pagando missas) a abrir o paraizo a muitas almas (2) » Christovão Colombo, dizemos nós, era completa partidista do systema do lapidario Ferrer. Burcou Zipangou (o Japão), que se fazia passar pela ilha de ouro Chryso; e quando, a 14 de Novembro de 1492, elle costeou as costas de Cuba, que considerava como uma parte do continente da

(1) *Reise nach dem Ural, dem Altai und dem kaspischen Meere von A. V. Humboldt G. Rose et G. Ehrenbeh*, tom. I, p. 352—373.

(2) *El oro*, escreve Christovão Colombo á rainha Isabel, *es excellentissimo, con el se hace tesoro, y con el tesoro quien lo tiene hace quanto quiere en el mundo, y llega a que hecha las animas a paraizo.*

Asia oriental (Cathag), escreveu no seu jornal: «A julgar pelo grande calor que estou soffrendo, o paiz deve ser rico em ouro.» É assim que falsas analogias fizeram esquecer o que a antiguidade classica tinha contado dos thesouros metallicos dos Messagetes e dos Arimaspes, no extremo norte da Europa, eu digo da Europa (3), porque o paiz chão e deserto da Asia septentrional, a Siberia de hoje, passava, com os seus bosques de coniferas, por ser a monotona continuação do paiz plano da Belgica, do Baltico e da Sarmacia.

Abraçando n'um golpe de vista a historia das relações commerciaes da Europa, nós vemos que a antiguidade procura na Asia as fontes mais ricas do ouro; em quanto que a idade media e os tres seculos posteriores as collocam no novo continente. Mas actualmente e desde o principio do seculo desanove, é outra vez na Asia, mas em zonas diferentes, que rebentam as fontes de ouro mais ricas. Esta mudança na direcção da corrente, este compensação que as descobertas accidentaes offerecem no Norte, quando, no Sul, a exploração do ouro parece subitamente secar, exigem um serio e profundo exame fundado sobre dados numericos; porque em economia politica, assim como no estudo dos phenomenos da natureza, os numeros são sempre o elemento mais decisivo; são os ultimos juizes, os juizes inflexiveis dos problemas tão diversamente resolvidos da economia politica.

Nós sabemos pelas indagações profundas de Boekh (4) como, quando as guerras persicas e a expedição d'Alexandre o Grande na India destruíram as barreiras que fechavam o Oriente, o ouro se accumulou pouco a pouco nas mãos dos Hellenos europeos; como, no tempo de Demosthenes, por exemplo, os metaes preciosos valião quasi cinco vezes menos do que no tempo de Sólon. A corrente dirigia-se então do Oriente para o Occidente, e a affluencia do ouro foi tão grande que, em quanto que no tempo de Herodoto a relação do ouro para a prata era de 1:13, foi, na morte de Alexandre e cem annos ainda depois, de 1:10 (5).

Quanto menos as relações commerciaes erão geraes no antigo mundo, maiores e mais subitas devião ser as variações que soffrião o valor relativo do ouro e da prata. Assim, em Roma, achamos que em consequencia de uma accumulção local de um dos metaes preciosos, pouco tempo depois da conquista de Syracusa, a relação do ouro para a prata foi como 1:171,7; quando pelo contrario, no reinado de Julio Cesar, caiu essa relação por algum tempo a 1:813,14. Quanto mais fraca é a quantidade de um metal que existe n'um paiz, mais facil é produzir alli enormes fluctuações por uma importação de fóra. O mundo actual,

pela universalidade e promptidão das relações, que tornam por toda a parte o nivel uniforme, pela grandeza das massas de ouro e prata já existentes, tende a estabelecer a estabilidade no valor relativo dos dous metaes. Depois das guerras da Independencia, a producção metalica, na America Hespanhola, ficou por alguns annos no terço, do que era d'antes, e com tudo não é esta causa que se póde attribuir as fracas oscillações que se observam aqui e alli. O caso é muito differente quando se trata da relação da prata para outro metal que ainda não foi extraído senão em pequena quantidade, e que, além disso, se acha muito desigualmente repartido; queremos fallar da platina.

Não encontramos nos antigos nenhum dado estatistico que indique algum resultado geral que se possa comparar ao que nós sabemos da producção metalica actual de paizes inteiros. A administração politica não offerecia a fiscalisação que o systema de alfandegas complicado e excessivo dos Arabes, povo commerciante que calculava tudo, que registava tudo em fórmula de tabella, communicou em seculos posteriores aos Estados da Europa meridional e occidental. A asserção de Plinio (XII, 18), segundo a qual o commercio com a India, a Serica e o Yemen, tirava cada anno do imperio romano cem milhões de sestercios em metaes preciosos, isto é, segundo Letronio, avaliando-os pelo valor da prata naquella epoca, um pezo de 33.000 marcos de prata (ametade só do que produz annualmente a exploração das minas de prata da Saxe); esta asserção é isolada e problematica.

(Continua.)

CHRONICA.

Uma semana em que houve representação na *Thalia*, e foi á scena o *Macbeth* tem a chronica feita.

A *Thalia*, como quasi todos sabem, é a invocação de um theatro privado, do beijinho dos amadores e cultores das artes scenicas, nesta capital. Esperava-se que este inverno se comesassem as representações por uma comedia do nosso amigo o Sr. Corvo, mas como não houve tempo de a ensaiar, representaram-se duas peças francezas — *La fille de l'Avocat* e *Un Caprice*. Em ambas entrou a Sra. D. Emilia Krus, que é o symbolo, o typo, e até a vera effigie de *Thalia*, a mais galante e risonha das musas, segundo a mythologia e os poetas. Tem sido tantos e taes os elogios que em differentes papeis havemos feito ao prodigioso talento artistico e graças desta senhora, que francamente declaramos já secca a nossa penna, e nos damos por impossibilitados de lhe fazer um panegyrico sem repetições. A memoria porém, que, graças ao café, ainda temos bem fresca e prompta, nos depa-rou os seguintes versos de Legouvé, que pelo bem merecido, estamos certos de que serão estreptitosamen-

(3) Herod. III, 176.

(4) *Economia politica dos Athenienses*, vol. I, p. 6—31.

(5) Vide a sabia rectificação das hypotheses monetarias Garnier, por Letronio: *considerações geraes sobre a avaliação das moedas gregas e romanas*, 1817, p. 112.

te applaudidos por todos os que tem tido o ineffavel prazer de ouvir declamar a Sra. Krus:

« Oui, vous reproduizes, dans votre jeu sublime,
Les plus fameux talens que la scène a fournis. »

Fez a sua estreia scenica, representando sómente no *Caprice*, uma gentil e bonita menina alemã, mademoiselle Georgina Garcelaker, que foi mui applaudida pelo seu garbo e talento, com quanto pouco exercitado.

Os cavalheiros que representaram na *Fille de l'Avocat* foram, os Srs. F. de Sá — C. Monrow — H. O'Neill (*debutante*) — J. Larcher (*idem*). E no *Caprice* o Sr. Guerreiro. Não estamos agora para fazer elogios a homens, tomaremos nós cá mais para as senhoras, que já nos vão escaceando, — delegamos essa tarefa no *Jardim das Damas*, em retribuição dos que a ellas fazemos. Manda a verdade porém; declarar que todos foram bem, e se tornaram dignos da protecção d'Apollo, presidente do conselho das Musas.

No fim houve baile, que é o folhetim destas reuniões, acabando a festa sem novidade, perto das cinco horas da manhã.

Estava porém tão pouca gente, que parecia o theatro do Rocio na segunda representação da tola da Meg. Porque seria isto? A frialdade da casa (muitos e muitas batiam o queixo) communicou-se a toda a assemblea, de sorte que ninguem se atreveu nem a projectar um namoro! Estariam os corações tão frios como as mãos?

O *Macbeth* veio finalmente affugentar de S. Carlos os abrimentos de bocca, que já se iam tornando insupportaveis. Que musica! que vozes! que scenas! e os coros, que bella cousa! Abençoado Verdi, que és o melhor progressista do contraponto que nós conhecemos. Tem esta peça tantas novidades, tanto na instrumentação como no canto, que é preciso vê-las para se crerem bem executadas, sob o reinado de mestre Vicente. Sobre tudo, o coro do terceiro acto, a meia voz, com acompanhamento só de timbales, e depois de fagotes, e o das feiticeiras no quarto acto, nos fez pasmar como aquella rebelde gente os executava tão bem.

O Sr. Fiori, o novo barytono, estreado nesta opera, tem boa voz, bom porte de scena, e é de uma presença gentil e imperiosa — dá ares de certo « revolucionario » muito conhecido nesta cidade. O Sr. Fiori foi mercidamente applaudido, e chamado fóra. Eguaes ovações tem recebido a Sra. Gresti, que na verdade canta muito bem nesta peça.

Entre tanto diremos que os applausos á Sra. Gresti vão diminuindo, e não sabemos porque, pois é excellente cantora. Lá bonita isso não, e talvez por essa razão deixaram os *dilettanti* de lhe tirar o retrato para o seu beneficio, que esteve muito frio, não havendo se não algumas flores seccas e um casal de borrachos! Ora é verdade que a cara da Sra. Gresti assimelha-se

muito a uma maçã bânueza, mas lá está o prodigioso lapis do Sr. Guillelmi que sabe corrigir todos esses trincafiros da natureza. Actualmente em S. Carlos não ha caras bonitas, tudo são *pannos de raz*, como deliciosamente disse o nosso antigo Rochester. As Tavo-las e Boldrinis apparecem por cá poucas vezes.

Diz-se que a final vamos a ter uma dança! E' a *Ilha de Venus*, tirada do episodio de Camões nos *Lusiadas*, e composta pelo Sr. Midosi (o Dr.).

O theatro de D. Maria II cahiu na esparrella de pôr em scena um drama posthumo, de uma creança de peito... intitulado a *Meg*, que foi o maior destampatorio que alli tem levantado a poeira das pateadas. Aquella gente não lê as cousas primeiro? Para expiação, vai-nos dar brevemente *As tres cidras do Amor*, nova producção da primeira cabeça dramatica de Portugal, gloria esta reconhecida pelo unico que lha podia disputar, o Sr. Garrett. Já se percebe que fallamos do Sr. Mendes Leal, amigo para quem desejamos melhor fado, melhor vista, e cento e vinte annos de vida.

A Liga « em crescidos e mates » concluiu no Domingo, á chucha calada, a approvação dos seus estatutos, segundo uma proposta, cuja doutrina (com o devido respeito) nos desagrada muito. O Sr. J. M. Grande foi o unico orador que nesta sessão campou, com aquella meliflua e opulenta eloquencia, que não tem competidores, entre nós. Houve um medico philosophico por officio, que propoz que os socios correspondentes estrangeiros não tivessem voto! Toda a assemblea se ergueu contra esta obsoleta proposição. Temos cá medo de nos bater aqui com estrangeiros — diziam todos. A proposta rejeitou-se in limine, pedindo um socio que fosse riscada, trancada e derretida, de modo que não houvesse mais fumos della, por involver um pensamento de covardia nas lides da intelligencia. Encovada a proposta, o representante da camara d'Alcobaça, da terra classica dos bernardos, declarou que se despedia da Liga. Chora! chora! lenços do tabaco da fabrica dessa villa monumental! em quanto vos não tiram da orphandade em que ficastes, e apressai-vos a nomear padrinho que venha defender a vossa bella côr vermelha, nesta Liga onde tambem se ha-de propugnar muito, pelos interesses materiaes das chitas e algodões. Respeitamos os escrupulos do honrado representante municipal, mas não lhe cedemos em espirito de nacionalidade: e porque deve já ter conhecido que os estrangeiros não nos podem ir alli fazer affronta, esperamos que continue, até vêr em que param as modas.

Agora segue-se a eleição de presidente effectivo. Ficará ainda o Sr. Ayres de Sá? Se o deixam ficar, então é que S. E. realisa os seus antigos projectos, de levar o Tejo a Braga, e trazer o Algarve para a Beira!

Reparámos que as senhoras, cuja concorrência no

Domingo foi esplendida, iam-se retirando enfadadas por falta de discussão. Tomem nota disto.

Ora agora —

« Quem quizer divertir-se,
 Quem quizer confundir-se,
 Quem quizer regalar-se,
 Quem quizer abismar-se,
 Quem quizer enterter-se,
 Quem quizer remexer-se,
 E de riso perder-se,
 Ou de inveja morder-se,

leia a *ex-revista chronica* do *Pharol* num. 42.

Aquillo, sim senhor, é que é talento,
 E' hoje o mais chapado entendimento!
 Aquillo alli, caramba! tem logares,
 Em que os conceitos vão por esses ares!
 E lá então nos chistes não safados,
 Deixa-nos a todos embascados!

Muito gostamos d'aquella sobranceira feudal, da sufficiencia mulheril, com que o collega tão graciosamente olha para todos e para tudo. Nesta sua primeira « hebdomadaria » principalmente, esta preciosa... tendencia se revela tanto, que ao acabarmos de a ler, dobrámos o riso, e exclamamos:

Pirinico, sirinico,
 Quem te deu...
 Tamanho bico?

E neste comenos, cedendo a um violento ataque de somno, pareceu-nos ouvir uma voz acudindo:

E' de ouro
 Ou de prata?
 E' de couro
 Ou de lata?

Já então sonhavam, de certo, quando se nos affigurou que o supremo *cavaco* se dignava responder ás perguntas desta lyrica do sul...

Nada! nada!
 Esta chança
 É chibança
 E' massada!

Acordámos logo de subito, appellando da sentença, porque não reconhecemos cousa de mais « instrucção e recreio » do que este *Pharol*. Tem realmente uma chronica bem escripta, embora nos chegue ao fato. E sendo isto assim, como já estamos causados de repetir, porque dá ao collega tanto cuidado a nossa pena? Olhe que o não queremos para nosso continuo, temos quem no-la appare. E demais, se a nossa é « penna de perú » a do collega é

« Não de perú, gallinha, nem de gallo,
 (Perdôe a franqueza com que lhe fallo)

Não de tordo, pardal, ou estorninho,
 Nem de ganso, de pato, ou de patinho,
 Porém sim d'aquella ave dos pés feia,
 Que por fôsa e vã se não nomeia.»

(*Poesias da feira da ladra.*)

Veja, que tudo lhe concedemos, menos aquelle destampatorio de dar ainda o nosso patriarcha Filinto Elysio jazendo entre as caveiras jacobinas do *Pere Lachaise*, quando elle, ha já um par d'annos que repousa nas archetas da Sé de Lisboa! Ao lermos as solemnes palavras que o collega lhe poz na bocca, pareceunos vêr o guloso velho todo encolerizado, arrumar-lhe uma tremenda cacholeta, e depois agarrar no collega pelos collarinhos (e melhor se eram destes *à mamã*, vulgô *à maruja*) dizendo, não em latim, mas neste portuguez de que elle era mestre:

Eu te perdôo.

Malhaste em ferro frio. Do que mente
 Ou d'outiva fallou, bem me condôo.

.....
 Quem to pôde impedir? Tens penna e tinta:
 Fazer lóas é livre a toda a gente.

(*Fil. Elys. Dial. tom. 2.*)

Livre-se o collega lá das unhas de Filinto, que nessas bulhas nos não mettemos nós. Para que o escandalisou neste ponto, e naquelles em que arrepiã a lingua (que elle tanto zelou) quando, para exemplo, figurou *Voltaire perdendo de vista* a marquezã do Chatelet, tendo ella os seus doze annos de idade, para a ir encontrar outra vez de vista... já mulher feita, sendo para isso necessario que um tal conselheiro lhe renovasse o *conhecimento*, que alguns escrupulosos quererão que seja de *decima industrial*?

E olhe que estes reparos não são nossos, mas de Filinto, que o collega nunca citará impunemente. Comnosco estará sempre em paz, conhecemos-lhe a tinêta, e até porque o collega já se declarou Bruto (entende-se o *Lucius Junius*), e todos sabem que a raça dos Brutos folga com a effusão do sangue dos proprios filhos — quanto mais com o dos amigos.

O que lhe dizemos tambem sinceramente é que não gostamos do desfavor com que o contemporaneo fallou de um homem muito digno de estima pelos seus sentimentos philantropicos — fallamos do nosso collega o Sr. Barão de Catanea, cuja evangelica abnegação e caridade, servem de irresistivel mordança aos que o costumam apodar com picoinhas enssóssas. Defendemos sempre, por igual theor, a todos os Barões, dignos de tão numerosa e benemerita classe.

Andam por ahi muitos, dos pingados com as borras d'azeite do *Pharol*, a chiar que mettem dó — para que? Pois já não ha greda por esses vallados? Dizem tambem que o collega segue esta escandalosa maxima de *Voltaire: Valait mieux frapper fort que de frapper juste* — que nos importa a nós isso? são gos-

tos. Fôra bom porém que o collega, visto que fustiga tanto os poetas ruins, não pendurasse nas suas columnas tantos *poetas de cera*, que se lhe chegarmos um dia a candeia da critica, vêr-lhes-ha logo derretidos os narizes, que é quasi sempre o melhor que lhes achamos, por isso se julgará do mais. Não admittimos que sendo o collega hoje o mais alentado « cabo d'esquadra » da litteratura ligeira, poupe as varadas aos que se vão estender na sua tarimba, e ande pelos quartéis alheios, (do jornalismo) a chibatar as recrutas que servem sem pão nem pret... e sempre cantarolando o: *Valait mieuX frapper fort que de frapper juste*. Lembre-se deste aphorismo metrico:

Mette a mão em teu seio,
Não dirás do fado alheio.

(Poetica de Borrvalho.)

Entre os obitos da semana, tem-se geralmente pranteado o da Sra. Feo Aranha, fallecida na flor da idade. Não ha ninguem mais sensível que nós, á morte de qualquer senhora, e sobre tudo quando, como esta, « fluctuam » entre os 15 e 25 annos; mas ao lermos as *necrologias* que por ahí se lhes fazem, e se mandam hoje para os jornaes politicos, como os annuncios a vintem por linha, não nos é possível soffrir o riso que taes pieguices e desconchavos provocam, maximé a todos os que entendem alguma cousa deste difficilissimo genero do panegyrico.

A' ultima hora.

A legião academica do *Gremio Litterario* acaba de alcançar um dos mais estrepitosos triumphos que terá de registar a moderna *Acta Eruditorum*! A lista do *cavaco* teve uma maioria espantosa na eleição do novo conselho director, a que se procedeu hontem á noite. Já se vê por isto, que saiu mais votado que todos o padrinho nato, vitalicio e até posthumo, do *cavaco*, o Romulo do *Gremio*, o unico alli que tem tanta influencia nas recrutas de Pompeo como nos veteranos de Cesar, queremos dizer, para os poucos que o não advinharam ainda, — o Sr. Daniel Augusto da Silva. O segundo na lista triumphante, foi o denodado vigário imperial do *cavaco*, aquelle a cujo aspecto e rosto diabolico, quando pede a palavra (e isto desde os aureos tempos em que elle era o Demonstheneus da *Philomatica*), parece que se começam logo a derreter as enxundias dos doutores e auctores *fosseis*, a quem elle fulmina, julgamos que desde o berço, — fallamos do Sr. Dr. Thomaz de Carvalho, uma das melhores illustrações medicas activas, das escolas lisbonense e parisiense.

Os outros quatro membros do conselho eleito foram — os Srs. Luiz d'Almeida e Albuquerque, lente e escriptor economista, e um dos mais scintillantes raios

do *Pharol*: — o Sr. Gregorio Nazianzeno do Rego, lente de mathematicas, e architecto naval: — o Sr. Mattos Correia, lente da escola nautica, jornalista litterario, e um dos mais instruidos officiaes da nossa armada: — o Sr. D. Guerreiro, medico distincto, e collaborador do novo jornal de medicina.

Eis aqui como o *cavaco* alcançou eleger um conselho composto de pessoas, todas pelo seu saber e qualificação, dignas da regencia de tão conspiciua sociedade.

A sessão esteve numerosa e excellente: presidiu o Sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, cavalheiro por quem temos tanta sympathia como elle tem por Ciccero e Vieira, não obstante nos ter já matado, com duas syllabas, um discurso que não ia mal (valha a verdade). Nós não somos de vinganças. O Sr. Garrett conseguiu desmanchar um ninho de guincho que se tinha preparado para dilatar a abertura dos cursos, e agora esperamos que elles irão ávante. Dos oradores que fallaram, só merece menção honrosa, o Sr. Celestino Soares.

Barão d'Alfemim.

Recebemos uma carta do Sr. Balaca, em que se refere ás observações feitas pelo nosso chronista a respeito do retrato que este artista fez para a camara dos deputados. Não a publicamos neste numero nem na sua integra nem em extracto por falta de espaço.

No numero seguinte nos occuparemos deste objecto.

AVISO.

Este jornal publica-se todas as semanas.

Assigna-se e vende-se nas lojas de Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; na de Lavado n.º 8; na de Arcejas n.º 85; na de Verol n.º 182; na de Carvalho, ao Chiado n.º 2.

Preços das assignaturas.

Por um anno	2\$880 réis.
Por seis mezes	1\$440 réis.
Por tres	720 réis.
Avulso	70 réis.

Participa-se aos Srs. Agentes e Assignantes que o escriptorio da redacção deste jornal mudou-se para a rua dos Calafates, n.º 28, 1.º andar, aonde devem dirigir toda a correspondencia.